

O VALOR SIMBÓLICO DA LEITURA EM CARTAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE PROFESSORES

THE SYMBOLIC VALUE OF READING IN (AUTO)BIOGRAPHIC LETTERS FROM TEACHERS

EL VALOR SIMBÓLICO DE LA LECTURA EN CARTAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE PROFESORES

Felipe da Costa Negrão¹

RESENHA DO LIVRO: MANCINI, Flávia Griep. **Cartas (auto)biográficas de leitores professores.** Curitiba: Appris, 2021.

Submetido para publicação: **4/02/2023**

Aceito para publicação: **02/02/2024**

Texto Na Pesquisa Narrativa, o contar de si ou a escrita de si por meio de cartas (auto)biográficas tem emergido como possibilidade metodológica em estudos de/com formação de professores, permitindo que o docente experiencie a condição de autoria (FEITOSA JÚNIOR; GONZAGA, 2019). A estrutura da carta constitui-se de uma mensagem endereçada por um remetente a um destinatário e, por ser um documento que emana personalidade, a carta se entrecruza com diferentes situações de comunicação, desvelando as vivências de cada sujeito e tornando-se um enlace entre quem lê e quem escreve.

Na obra “Cartas (auto)biográficas de leitores professores” de Flávia Griep Mancini encontramos vidas-trajetórias que se aproximam e se distanciam na manifestação de sentimentos e experiências enquanto amantes da leitura. O marco inicial da investigação de Mancini (2021) refere-se à composição de uma carta-pedido para professores/as no Rio Grande do Sul, em que a autora instiga estes/as docentes a comporem cartas-respostas (com)partilhando suas experiências sob a ótica de “óculos da leitura”.

Flávia Mancini é graduada em Licenciatura Plena em Português e Inglês (1994) e Mestre em Linguística Aplicada (2003) pela Universidade Católica de Pelotas. Também possui doutorado em Educação (2013) pela Universidade Federal de Pelotas, sendo membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória, atuando em temas que envolvem educação, processos formativos, leitura e escrita.

¹ Universidade Federal do Amazonas – UFAM – Manaus – Estado – Brasil – <https://orcid.org/0000-0001-6840-6670> – felipenegrao@ufam.edu.br.

A obra de Mancini (2021) é dividida em sete capítulos. No primeiro capítulo, intitulado de “Demarcação de um lugar (auto)biográfico ou a história da menina que via o mundo através dos “óculos da leitura”, a autora nos conduz a seu itinerário de formação, dialogando com seu trajeto pessoal e profissional, sobretudo quanto ao seu apreço pela leitura desde criança. Para ilustrar as memórias de vida-leitura, a autora compartilha e contextualiza a capa de seis livros que a marcaram, nos permitindo compreender que uma pesquisa científica de fato deve emergir de nosso espaço, de nossas vidas e daquilo que nos gera prazer. Nesse capítulo, Mancini (2021, p. 19) afirma que “o interessante de se (re)visitar é a potência da experiência formadora, pois acontece o processo de tomada de consciência, utilizando-se a narrativa como instrumento de formação”. Portanto, ao seguir por esse caminho, ela traz consigo referenciais importantes para a Pesquisa Narrativa, especialmente, para alinhar aos estudos (auto)biográficos de Dominicé (2010) e Delory-Momberger (2008).

Ainda no capítulo inicial, Mancini (2021) seleciona fragmentos de sua vida para justificar a escrita do livro, assegurando que a adoção da abordagem (auto)biográfica resguarda a ideia de que as narrativas de vida são instrumentos de formação e (auto)formação e, ao serem estudados, despertam condições para a tomada de consciência individual e coletiva. A preocupação da autora em respaldar suas análises posteriores na abordagem (auto)biográfica da Pesquisa Narrativa é um caminho a ser replicado, tendo em vista a necessidade de fortalecimento do campo e dos estudos com história de vida, formação, (auto)formação e a própria escrita de si.

O segundo capítulo “(Auto)biografia educativa como trajeto de formação relacionado à leitura” é uma extensão do capítulo anterior, entretanto, a autora adota apenas o diálogo com os teóricos da abordagem (auto)biográfica, introduzindo os estudos de Josso (2004) junto aos autores já citados. Mancini (2021, p. 33) afirma que “o trabalho de um educador é, na essência, com o humano; por isso, existe a necessidade cotidiana de se reinventar, reconstruir-se e reabastecer-se de novas propostas e energias”. Com isso, a autora expõe a (auto)biografia enquanto instrumento pedagógico e meio de investigação científica, ou seja, o indivíduo se (auto)forma a partir do exercício crítico-reflexivo de suas experiências, elaborando a compreensão de seu próprio percurso de vida-trajetória.

Nesse movimento de dialogar com os aspectos teóricos que respaldam a sua discussão com cartas, Mancini (2021), no capítulo três, intitulado de “Antropologia do imaginário na abordagem sobre o valor simbólico da leitura”, traz Gilbert Durand (2002), do campo

antropológico, para discutir os conceitos do imaginário, articulando que o homem dispõe de uma faculdade simbólica para sua vida social e cultural.

A partir da compreensão do estudo do imaginário neste terceiro capítulo, Mancini (2021) faz uma primeira aproximação com seu exercício de troca de cartas com os professores leitores, destacando que sua investigação foi conduzida pela identificação de núcleos simbólicos nas cartas-respostas e que, além disso, no exercício de análise procurou similaridades e divergências entre as escritas, a fim de compor mitemas, compreendidos como repetições ou convergências existentes entre as cartas.

O quarto capítulo “Antropologia da leitura como fomentadora do imaginário” serve de antessala para o capítulo posterior, principalmente porque nos apresenta mais dois referenciais teóricos utilizados para análise das cartas. De um lado, Jouve (2002) com a semiótica da leitura em que atesta a existência de um processo afetivo no ato de ler, de modo que para Mancini (2021) é interessante compreender que as cartas (auto)biográficas são documentos com emoções que precisam ser bem lidas no processo analítico da investigação. De outro lado, Petit (2009, p. 266) se manifesta como referencial identitário que demarca a ideia de que “os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia”.

Dito em quê e em quem se pautarão suas análises das cartas (auto)biográficas, Mancini (2021) parte para o quinto capítulo, apresentando seu “Percurso da pesquisa”. Didaticamente, o estudo está ancorado na pesquisa qualitativa de abordagem (auto)biográfica, baseada na metodologia de convergências de Durand e sustentada pelos processos investigativos da antropologia do imaginário. Por isso, a autora opta por apresentar cada movimento metodológico em capítulos anteriores, articulando-os com referenciais teóricos.

Mancini (2021) retoma seu objetivo que é identificar o valor simbólico atribuído à leitura por professores leitores e, para isso, elege a carta como instrumento para recolha dos dados com professores e professoras de diferentes séries e disciplinas. Na carta-pedido, Mancini (2021) revela que adotou o uso de algumas perguntas que pudessem gerar reflexões aos professores, tais como: Quais são as suas memórias com a leitura? O que, quando e onde tu lêes? Desde quando lembras que és um/a leitor/a? As perguntas foram encaminhadas por correio eletrônico com prazo de devolução em 30 dias. Para surpresa da autora, 18 cartas-respostas foram devolvidas e compuseram o corpus de sua análise.

O sexto capítulo “As cartas e o que elas me revelaram” compõe a maior parte do livro, visto que, aqui Mancini (2021) transcreve cada carta recebida, bem como sua referida análise. Na visão da autora, os/as participantes da pesquisa “representam, numa espécie de microcosmo, uma ínfima nuance das singularidades e pluralidades inerentes à condição humana, com sua constante necessidade de equilíbrio” (MANCINI, 2021, p. 77). As cartas recebidas foram organizadas em três mitemas, sendo o primeiro composto por quinze textos, agrupados por afinidades simbólicas que versam sobre “a leitura como aventura, descoberta e construção”, em cada carta-resposta emergia episódios formativos dos/as professores/as leitores/as em contato com a leitura enquanto descoberta de algo novo, desconhecido e produtivo para suas famílias, alunos e carreiras. O segundo mitema refere-se “a leitura como ferramenta” e é composto por apenas uma narrativa, cuja análise reporta que a leitura, para esse professor, não se constitui como um ato prazeroso ou rotineiro, mas como um pré-requisito para ascensão social dentro de um projeto de vida. E, por fim, o terceiro mitema intitulado de “a leitura como refúgio, cura e esteio” congrega duas cartas que entendem a leitura como um momento para ficar só, em conexão consigo mesmo, ou ainda, para na leitura encontrar cura para males do corpo e da alma.

As análises das cartas são curtas e reforçam o dito e, por vezes, o não-dito, seguido de interlocuções entre os autores citados nos capítulos anteriores, a fim de construir uma narrativa coesa sobre o processo (auto)formativo proveniente das cartas (auto)biográficas. Mancini (2021) consegue extrair sentidos, sentimentos e perspectivas formativas através de cada carta, mesmo naquelas em que se diz pouco, pois, na visão da autora, cada narrativa é autônoma e, por si só, já carrega inúmeras possibilidades de formação. A autora é consciente de que estas análises referem-se ao seu olhar com lentes próprias da antropologia do imaginário, bem como da antropologia da leitura em articulação com os insights propostos pelas (auto)biografias.

O último capítulo, nomeado “Uma pequena dose de ousadia rumo ao valor simbólico da leitura presente nas cartas (auto)biográficas de leitores professores”, traz as considerações finais de Mancini (2021) em forma de carta, num ato que pode ser visto como transgressor e que faz todo sentido para o fechamento de uma obra acadêmica que se constituiu por meio da troca de cartas. Em suas palavras finais, a autora reforça que “seres humanos que somos, somos também seres de simbolização e de imaginação. No entre-saberes do imaginário, vamos construindo a teia que nos sustenta ao longo da nossa existência” (MANCINI, 2021, p. 141). E por meio desse imaginário, ela consegue ilustrar em forma de diagrama que os três mitemas dispõem de núcleos simbólicos, sendo que, o mitema de aventura, descoberta e construção

resguarda aspectos de uma estrutura heroica do universo da leitura, enquanto que no mitema de ferramenta pesa uma estrutura mais dramática e utilitarista do processo de leitura de um livro, e por fim, entende que o mitema que reúne refúgio, cura e esteio denota uma estrutura mais mística que visualiza a leitura enquanto remédio e bálsamo para a alma.

O livro em si é um convite à (auto)formação, pois ao enxergar-se pelas lentes dos outros que contam de si é inevitável o exercício de pensar a si mesmo frente à temática da leitura. Quem navegar por entre as cartas que compõem o livro será arrebatado para dentro de si mesmo, vislumbrando qual valor simbólico atribuí para o exercício da leitura. E, arrisco dizer que os pesquisadores adeptos de estratégias metodológicas que convergem com a Pesquisa Narrativa encontrarão em Mancini (2021) um excelente caminho de como articular-se junto aos participantes do estudo ou, ainda, como que as cartas (auto)biográficas podem desencadear múltiplas possibilidades (auto)formativas e formativas.

REFERÊNCIAS

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. *In: NÓVOA, António.; FINGER, Matthias (orgs.). O método (auto)biográfico e a formação*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 81-95.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do Imaginário: introdução à arqueologia geral**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FEITOSA JÚNIOR, Edson Castelo Branco.; GONZAGA, Amarildo Menezes. Uma experiência com cartas autobiográficas. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, v. 5, n. 11, p. 297-307, 2019.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora da UNIESP, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MANCINI, Flávia Griep. **Cartas (auto)biográficas de leitores professores**. Curitiba: Appris, 2021.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as história de vida no Projeto Prosalus. *In: NÓVOA, António.; FINGER, Matthias (orgs.). O método (auto)biográfico e a formação*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 81-95.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.